

DOSSIÊ

O ESPAÇO SOCIAL DAS MULHERES GESTORAS NO MUNDO RURAL

*Roberta Ness**
*Rodrigo Cantu***

Resumo

O artigo investiga as mulheres gestoras em empresas familiares do agronegócio brasileiro. A pesquisa analisou as propriedades sociais de 124 mulheres em posições de gestão, com base em dados fornecidos por uma empresa de consultoria especializada. Metodologicamente, utiliza-se a Análise de Correspondência Múltipla (ACM) para criar o espaço social e a Análise de Cluster Hierárquica (ACH) para identificar padrões de agrupamento. Os resultados indicam que a principal diferenciação ocorre por fatores geracionais e pelas características das empresas, além de evidenciar diferentes percepções sobre desafios, como desigualdades de gênero, conciliação entre família e trabalho e conflito geracional e familiar. Além disso, a ACH permitiu identificar quatro perfis distintos de gestoras, indicando que suas trajetórias, posições e dificuldades se organizam de forma heterogênea no espaço social analisado.

Palavras-chaves: espaço social; elites; agronegócio, gestoras; análise de correspondência múltipla.

* Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: robertaness@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2549-8020> Credit: Conceitualização, Investigação, Análise dos Dados, Escrita do Rascunho Original.

** Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Sociologia e Política, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: rodrigo.cantu@ufpel.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6099-1200> Credit: Conceitualização, Análise dos Dados, Escrita - Revisão e Edição.

INTRODUÇÃO¹

O estudo das elites rurais no Brasil tem uma longa trajetória nas ciências sociais do país (*cf.* Meneses, 2021). De análises históricas ao exame do contexto recente, vários trabalhos revelam como essas elites se articulam em associações patronais e atuam no âmbito da política institucional (Font e Barzelatto, 1988; Mendonça, 2009; Pompeia, 2021). Para além desses temas, Heinz (2001) aborda igualmente as propriedades sociais de indivíduos que compõem a elite rural brasileira, inaugurando uma linha de estudos prosopográficos desse grupo. Paralelamente a esse recorte de classe do mundo rural, que divide o exame de camadas subalternas e do “andar de cima” (*cf.* Meneses e Piccin, 2024), as ciências sociais têm igualmente se debruçado sobre outros recortes, tais como o de gênero.

Paralelamente aos estudos sobre elites e estudos rurais, os estudos de gênero também consolidaram-se como uma área de importante relevância nas ciências sociais, contribuindo para a compreensão das formas historicamente construídas de desigualdades, das relações de poder e dos mecanismos de reprodução social. Influenciadas pelas diferentes ondas do feminismo e pelo avanço das críticas ao patriarcado, pesquisadoras passaram a ampliar o debate sobre como as diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas e atravessam instituições, famílias, carreiras profissionais e subjetividades (Scott, 2017; Butler, 2003; Hirata e Kergoat, 2007; Kergoat, 2009; Hirata, 2016; Federici, 2019).

No contexto brasileiro, essa produção acadêmica possibilitou evidenciar como a inserção feminina no mercado de trabalho e em posições de poder permanece permeada pela divisão sexual do trabalho, pela sobrecarga associada a atividades de cuidado e pelas desigualdades no acesso a recursos econômicos, educacionais e simbólicos (Bruschini, 2007; Biroli, 2014; Saffioti, 2015; Bourdieu, 2020). De modo mais específico à temática do presente artigo, os estudos rurais sobre as mulheres têm se consolidado em torno de temáticas relacionadas às classes populares do campo, como agricultores familiares, camponeses, assentados, quilombolas e trabalhadores rurais. Essa tradição, baseada em perspectivas críticas e engajadas, frequentemente articulada às pautas feministas e dos movimentos sociais rurais tem privilegiado a compreensão das condições de trabalho, das desigualdades e das formas de resistência das mulheres trabalhadoras rurais em posições subalternizadas (Deere e León, 2002; Brumer, 2004; Karam, 2004; Deere, 2004; Maciazeki-Gomes *et al.*, 2021).

Enquanto a variedade de trabalhos sobre mulheres nas classes populares do campo é numerosa, ainda são poucas as pesquisas que analisam as mulheres nas elites do agronegócio, sobretudo as que busquem compreender as diferenciações internas entre essas mulheres e suas distintas propriedades sociais e trajetórias profissionais. O agronegócio brasileiro representou 24,8% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional em 2022 (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, 2023) e configura-se como um espaço historicamente caracterizado pela predominância masculina, sobretudo em posições de poder e prestígio (Lopes e Pontili, 2004; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019; Maciazeki-Gomes *et al.*, 2021).

Para compreender a configuração desse espaço social, é necessário considerar as desigualdades historicamente presentes no acesso das mulheres aos recursos econômicos e produtivos do meio

1 Este artigo apresenta parte de uma pesquisa desenvolvida na dissertação de uma das autoras, intitulada “Nascidas no campo: o espaço social de mulheres gestoras brasileiras atuantes em empresas rurais familiares do agronegócio”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS-UFPeL).

rural. Deere e León (2002) demonstram que a estrutura fundiária latino-americana foi constituída a partir de padrões que privilegiavam os homens enquanto chefes de família, refletindo na assimetria na posse da terra, no acesso ao crédito, à assistência técnica, aos processos sucessórios e às oportunidades de inserção em posições de comando. Tradicionalmente, o homem foi socialmente identificado como agricultor, enquanto a mulher foi percebida como trabalhadora secundária, independentemente da quantidade de tempo dedicada às atividades rurais (Deere e León, 2002). Essas desigualdades permanecem visíveis no presente: segundo o Censo Agropecuário de 2017, as mulheres são proprietárias de apenas 19% dos estabelecimentos rurais, enquanto os homens detêm 81% (Oliveira *et al.*, 2020).

Apesar dessas disparidades de gênero, familiares e institucionais, a presença crescente de mulheres na gestão de empresas familiares e em organizações representativas do setor sugere transformações nesse universo social. Se, por um longo período, a participação feminina enfrentou diferentes limitações, a ampliação da presença das mulheres em cargos de gestão indica a abertura de novas possibilidades de inserção e ascensão. Esse processo também pode ser observado pela visibilidade de mulheres ligadas ao agronegócio em espaços de representação política e institucional.

A existência de figuras proeminentes na política nacional, – tais como as parlamentares e ex-ministras da agricultura Tereza Cristina e Katia Abreu, ambas notoriamente ligadas ao agro brasileiro –, juntamente à disseminação de redes e instâncias institucionais que têm dado visibilidade às mulheres nas dinâmicas de camadas sociais superiores do mundo rural. É nesse contexto de permanências e mudanças que se torna relevante compreender quem são essas mulheres e como se estruturam as diferenciações dessa elite (recente) do agronegócio. Nesse sentido, parece-nos que a trajetória dessas mulheres empresárias e gestoras em empresas familiares do agronegócio constitui, em grande medida, uma história ainda a ser escrita, cuja compreensão possa contribuir para explicar as transformações recentes desse espaço social.

Buscando contribuir para uma agenda de pesquisa ainda incipiente, esse artigo investiga as mulheres nas elites contemporâneas do agronegócio no Brasil, por meio de uma análise exploratória de sua diversidade. Para balizar conceitualmente o exame dos dados empíricos, utilizamos a noção de espaço social. Enquanto um dos elementos fundamentais da teoria de Pierre Bourdieu, a noção de espaço social permite compreender o mundo coletivo enquanto uma topografia marcada por posições definidas relacionalmente, com base nas distintas propriedades dos indivíduos (Bourdieu, 1985; Hardy, 2014; Wacquant, 2019).

O talvez mais proeminente conceito de campo é um caso específico de espaço social, em que há limites mais definidos, maior autonomia, emergência de um contencioso e de uma forma de autoridade específica, além de uma marcada lógica agonística de funcionamento. A relevância da noção de espaço social está, entre outras possibilidades, na sua função de quadro analítico para a compreensão das práticas: a variação do comportamento e das visões de mundo entre diferentes grupos sociais pode ser concebida (e prevista) por meio do mapeamento das posições dos agentes nesse espaço.

Bourdieu a empregou de modo explícito em trabalhos como *A Distinção* (2007), para examinar a totalidade de uma sociedade nacional. No entanto, a noção de espaço social pode igualmente ser empregada para o exame de grupos e mundos sociais circunscritos, tal como realizado em estudos como Hey (2007) e Hey e Rodrigues (2017). Consideramos, ainda, que essa opção analítica evita uma transposição automática do mais conhecido conceito de campo para universos sociais cuja autonomia é limitada ou atravessada por múltiplas determinações externas, como, nesse caso, as econômicas e familiares. Trabalhos como o de Heredia *et al.* (2010) problematizam a própria

concepção do agronegócio como um espaço homogêneo e plenamente estruturado, ressaltando a coexistência de diferenças econômicas, culturais, regionais e familiares.

Metodologicamente, a pesquisa emprega uma perspectiva quantitativa. O material empírico utilizado é um conjunto de dados das propriedades sociais de 124 mulheres atuantes em cargos de gestão em empresas familiares do agronegócio. A coleta de dados se deu por intermédio de uma empresa de consultoria, especializada no atendimento a empresas familiares atuantes no agronegócio. Os dados foram examinados por meio da Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), técnica da estatística multivariada utilizada na análise de dados categóricos, que permite elaborar imagens capazes de demonstrar as afinidades e divergências entre indivíduos e entre categorias. Representando essas aproximações e distanciamentos em eixos (ortogonais uns aos outros), a ACM constitui ainda uma técnica de simplificação da complexidade dos dados, em um resumo multidimensional (em vários eixos) da diferenciação das unidades de análise. Assim, ela pode oferecer um quadro da estrutura de diversificação das mulheres gestoras no mundo rural, coerente com a noção de espaço social.

De modo complementar, recorreu-se à Análise de Cluster Hierárquica (ACH), aplicada às coordenadas dos indivíduos obtidas na ACM, com o objetivo de identificar agrupamentos de posições próximas no espaço social. Enquanto a ACM explicita a estrutura relacional das diferenças, a ACH agrupa essas posições em clusters, reunindo indivíduos com localizações semelhantes e evidenciando padrões de distribuição das gestoras.

O artigo está estruturado em duas partes, além da introdução e das considerações finais. Na segunda seção, são detalhados os procedimentos metodológicos e, na sequência, são apresentados os resultados da pesquisa, com ênfase na ACM e, complementarmente, na ACH.

METODOLOGIA

Apesar de sua crescente importância social, estudar as mulheres de camadas sociais superiores do mundo rural envolve diversos desafios: o acesso a informações disponíveis é limitado, em razão de sua atuação frequentemente discreta, muitas vezes reconhecida apenas em nichos específicos do agronegócio, e da limitada disponibilidade de dados públicos, em particular no que se refere a dados sobre as propriedades rurais nas quais atuam. Ademais, pesquisas realizadas nesse contexto, frequentemente, colocam frente a frente pesquisadores e pesquisados que ocupam posições social e economicamente desiguais, o que impõe desafios adicionais ao acesso, à construção de confiança e à própria produção dos dados. A pesquisa que baseia este artigo encarou esses desafios de modo criativo, a fim de tentar apresentar um retrato pioneiro da diversidade das mulheres gestoras atuantes no agronegócio.

As contribuições aqui trabalhadas se baseiam preponderantemente na análise de dados quantitativos. Sem se aprofundar no exame de cada mulher (suas trajetórias e vivências específicas), apresenta-se um panorama transversal e geral de suas características. Os dados têm origem na elaboração de uma amostra por conveniência (não probabilística)². Devido à ausência de fontes

² A seleção por amostragem por conveniência consistiu na escolha de participantes disponíveis para a pesquisa. Em outras palavras, os indivíduos foram selecionados por constituírem uma amostra acessível, sem a aplicação de critérios probabilísticos nem de procedimentos estatísticos para sua definição. Esse método geralmente apresenta vantagens relacionadas à facilidade operacional e ao menor custo na etapa de amostragem. Contudo, como consequência, não permite a realização de generalizações estatisticamente rigorosas sobre toda a população.

de dados públicos para consulta, foi necessária a criação de um banco de dados original, a partir de informações disponibilizadas³ por uma empresa de consultoria sediada na cidade de Pelotas/RS, especializada no atendimento a empresas familiares do agronegócio⁴.

A definição da amostra teve como critério a seleção de mulheres gestoras, empresárias, sócias, herdeiras e/ou sucessoras de empresas rurais familiares do agronegócio⁵, atendidas pela empresa de consultoria e que integrassem projetos de governança familiar ativos no ano de 2022⁶. Compuseram o universo estudado 80 projetos/famílias⁷, apresentando, ao todo, 124 mulheres que ocupavam cargos de gestão e/ou possuíam cotas na sociedade, podendo ou não compartilhar o comando com outros familiares. A escolha de gestoras pertencentes a famílias que mantinham projetos de governança familiar ativos no ano da pesquisa foi adotada como critério de definição da amostra, por se tratar de um serviço diretamente relacionado à profissionalização, ao estabelecimento de regras e à estruturação organizacional do negócio familiar⁸, além de ter como objetivo alinhar as relações entre família, negócio e patrimônio. Esses projetos são desenvolvidos majoritariamente por profissionais das áreas de Psicologia e Administração.

Para o levantamento de dados, utilizou-se um questionário que foi preenchido pelas equipes da empresa de consultoria que trabalham nos projetos de governança familiar. Essas equipes conheciam com profundidade as pessoas da gestão de cada propriedade, permitindo contornar o problema de acesso aos indivíduos para a coleta de informações. O questionário abordava os seguintes temas:

- *Gestoras* – idade, área de formação, estado civil, número de filhos, cargo na empresa, setor de atuação, tempo de atuação na empresa, processo de inserção no negócio familiar, tipo de gestão (compartilhada ou individual), com quem compartilham, a quantidade de homens que compartilham a gestão e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas suas carreiras profissionais.
- *Propriedades rurais* – estado em que estão localizadas, faturamento anual, atividade predominante, tamanho da área produtiva e número de empregados.

³ A referida empresa de consultoria é especializada no atendimento a empresas familiares do agronegócio, que possuem alto faturamento e alta produtividade, além de influência e protagonismo no setor. Com mais de 300 funcionários, possui atuação nacional e internacional e está presente em onze estados brasileiros e em países como Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Os principais serviços oferecidos incluem planejamento sucessório, governança familiar e societária, planejamento tributário, acompanhamento contábil, fiscal e financeiro, além de serviços de imobiliária rural, regularização fundiária e gestão de departamento pessoal e de recursos humanos.

⁴ Todas as mulheres da amostra têm origem no grupo familiar responsável pela empresa; não há casos de gestoras externas que tenham assumido cargos de gestão ou se tornado sócias, herdeiras ou sucessoras nas empresas pesquisadas.

⁵ Nas empresas familiares, os processos de estruturação organizacional e de sucessão familiar auxiliam na organização da transmissão de recursos econômicos e simbólicos entre as gerações. Esses processos contribuem para a organização da gestão do negócio e para a definição das posições ocupadas pelos membros da família na empresa, com o objetivo de garantir a continuidade do grupo empresarial e familiar ao longo do tempo, bem como estabelecer quem poderá acessar posições de poder e o patrimônio (material e simbólico) da empresa familiar.

⁶ Todas as empresas que compõem o universo empírico são de capital fechado e são gerenciadas por núcleos familiares vinculados aos fundadores de cada empresa rural e, na maioria dos casos, possuem comando compartilhado entre diferentes gerações.

⁷ A estruturação organizacional engloba os processos de mapeamento, a criação dos órgãos de governança (estruturas formais, tais como fórum familiar, conselho de sócios, conselho de administração, comitê gestor, gestão executiva, conselho de herdeiros) e a elaboração de documentos que orientam e regulam o negócio familiar (como o protocolo familiar).

⁸ Atestam esse crescente uso, entre tantos outros, os seguintes trabalhos: Neto (2015); Bertonecelo (2016); Vieira e Chiaramonte (2021); Cantu (2024); Albuquerque e Cantu (2026).

Após a coleta, os dados foram organizados no programa *SPSS*, com o objetivo de transformá-los em variáveis categóricas. Além disso, optou-se por atribuir uma numeração a cada gestora (de 1 a 124), a fim de anonimizá-las.

As variáveis construídas têm como objetivo avaliar como se entrelaçam dimensões biográficas, familiares e profissionais na diferenciação social neste espaço. A seguir, o Quadro 1 apresenta as variáveis e suas respectivas descrições, contendo uma breve justificativa sobre a escolha de cada variável.

Quadro 1 – Descrição das variáveis

Variável	Descrição
Região	Organização das propriedades rurais segundo as regiões do Brasil, com a finalidade de identificar a localização das propriedades rurais analisadas. As regiões produtoras do país apresentam diferenças em termos de condições climáticas e geográficas, disponibilidade de terras, estrutura fundiária, perfil produtivo e processos históricos de ocupação e de desenvolvimento agrícola.
Idade	Identificação de diferenças geracionais entre as gestoras. Para isso, a variável foi organizada em quatro modalidades correspondentes ao início da vida adulta, à fase adulta intermediária, à meia-idade e à idade mais avançada.
Formação	Identificação do nível e da área de formação das gestoras, pois os títulos educacionais podem representar capitais socialmente reconhecidos.
Estado Civil	Identificação dos fatores que podem exercer influência sobre as oportunidades que as mulheres têm de exercer atividades profissionais fora do espaço doméstico, bem como sobre as formas de inserção no negócio familiar.
Filhos	Representação do ciclo familiar e reprodutivo das gestoras, considerando a maternidade como um marco significativo na experiência social e biográfica das mulheres que são, ou não, mães.
Setor de atuação	Apresentação das áreas do negócio em que as mulheres atuam com maior frequência, considerando que determinadas atividades podem indicar diferentes níveis de acesso a posições de gestão, tomada de decisão e prestígio.
Tempo de atuação	Demonstração do tempo de atuação das mulheres nas empresas rurais familiares, uma vez que esse tempo pode expressar possíveis diferenças nas trajetórias de inserção e permanência na gestão dessas empresas.
Inserção	Relação entre as diferentes formas pelas quais as gestoras ocupam posições de gestão nas empresas familiares rurais, buscando entender como os modos de acesso a essas posições se expressam na configuração do espaço social analisado.
Quantidade de homens que compartilham a gestão	Quantificação do número de homens com os quais as mulheres compartilham a gestão nas empresas, para tentar identificar possíveis desequilíbrios de poder e a distribuição desigual de oportunidades na gestão.
Faturamento anual	Análise do tamanho das propriedades rurais em termos financeiros anuais, podendo fornecer uma noção da amplitude da capacidade de mercado dessas empresas, contribuindo também para indicar diferenças na posição ocupada pelas propriedades na configuração do espaço social.
Atividade predominante	Caracterização das atividades agropecuárias presentes na amostra, contribuindo para a compreensão e análise do contexto produtivo do país. A maioria das propriedades analisadas desenvolve mais de um tipo de cultivo ou atividade produtiva; ainda assim, optou-se por identificar a atividade predominante em cada caso para fins de organização e análise da variável.
Número de empregados	Identificação de diferenças na estrutura produtiva das propriedades analisadas, podendo estar associada ao tamanho do empreendimento, ao nível de tecnologia empregado, ao faturamento e à atividade produtiva predominante.
Dificuldades enfrentadas pelas gestoras	A identificação das dificuldades enfrentadas pelas gestoras, é relevante pela possibilidade de revelar quais são os principais obstáculos relatados e observar como esses desafios se distribuem nas diferentes propriedades sociais das gestoras presentes na amostra.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Para analisar esses dados, foi utilizada a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM). Essa técnica permite reduzir a complexidade da relação entre variáveis categóricas e produz eixos que expressam, de forma gráfica, as diferenças predominantes entre as unidades de análise (Klüger, 2018; Hjellbrekke, 2018; Bertoncelo, 2022). Crescentemente utilizada nas ciências sociais brasileiras⁹, ela permite a exploração da estrutura de diferenciação de um grupo de indivíduos e, conseqüentemente, a compreensão de sua divisão em distintos perfis.

Nesse artigo, empregamos uma ACM com Seleção de Modalidades Ativas, também conhecida como ACM específica, que permite tornar passivas (não serem consideradas no cálculo de formação dos eixos) algumas das categorias. Usamos essa técnica para desconsiderar as categorias de ausência de resposta (NAs). Para rodar a ACM, foi utilizado o pacote *GDAtools* no R. Foram utilizadas 63 modalidades, destas 55 são ativas e 9 são passivas. O conjunto das variáveis, suas categorias, suas frequências e as coordenadas e contribuição nos eixos 1 e 2 (além de uma legenda explicando cada modalidade) podem ser observadas através do Quadro 2.

Ademais, para aprofundar a compreensão das diferenças internas da amostra, foi empregada uma Análise de Cluster Hierárquica, utilizando como base as coordenadas dos indivíduos derivadas da ACM. A definição dos agrupamentos considerou a configuração dos pontos no plano dos dois primeiros eixos, resultando na identificação de quatro clusters. Essa estratégia permitiu agrupar indivíduos em posições semelhantes no espaço analisado, favorecendo a interpretação das proximidades e distinções entre os perfis.

Quadro 2 – Categorias, estatísticas descritivas e resultados da ACM

Variável	Modalidade	Freq	%	Eixo 1		Eixo 2		Legenda
				Coord	Contrib	Coord	Contrib	
Região	REGIAO.CO	43	34,7	-0,652	3,766	0,073	0,064	Centro Oeste (Bolívia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia)
	REGIAO.SE	49	39,5	0,568	3,254	-0,759	7,825	Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo)
	REGIAO.S	21	16,9	0,368	0,586	1,183	8,148	Sul (Rio Grande do Sul e Paraná)
	REGIAO.NE	11	8,9	-0,683	1,057	0,836	2,133	Nordeste (Bahia)
Idade	IDADE.<35	37	29,8	-1,094	9,132	0,021	0,004	Menos e até 35 anos
	IDADE.36-45	32	25,8	-0,065	0,028	-0,407	1,469	De 36 a 55 anos
	IDADE.46-55	28	22,6	0,526	1,596	0,044	0,015	De 46 a 55 anos
	IDADE.>56	27	21,8	1,031	5,919	0,409	1,25	56 anos ou mais
Formação	FORMACAO.agrarias	17	13,7	-0,521	0,953	-0,141	0,094	Ciências Agrárias
	FORMACAO.sociais aplicadas	45	36,3	-0,187	0,323	-0,267	0,887	Ciências Sociais Aplicadas
	FORMACAO.saude	13	10,5	0,291	0,226	-0,863	2,685	Ciências da Saúde
	FORMACAO.outras	10	8,1	0,341	0,239	-0,281	0,219	Outras (Exatas, Humanas e Engenharias)
	FORMACAO.EM	10	8,1	1,207	3,004	1,428	5,656	Ensino Médio
	sem informação	29	23,4	-	-	-	-	Sem informação

⁹ A utilização dos dados disponibilizados pela empresa de consultoria foi previamente autorizada, por escrito, para fins acadêmicos, assegurando-se o tratamento ético das informações e o anonimato das participantes e da organização.

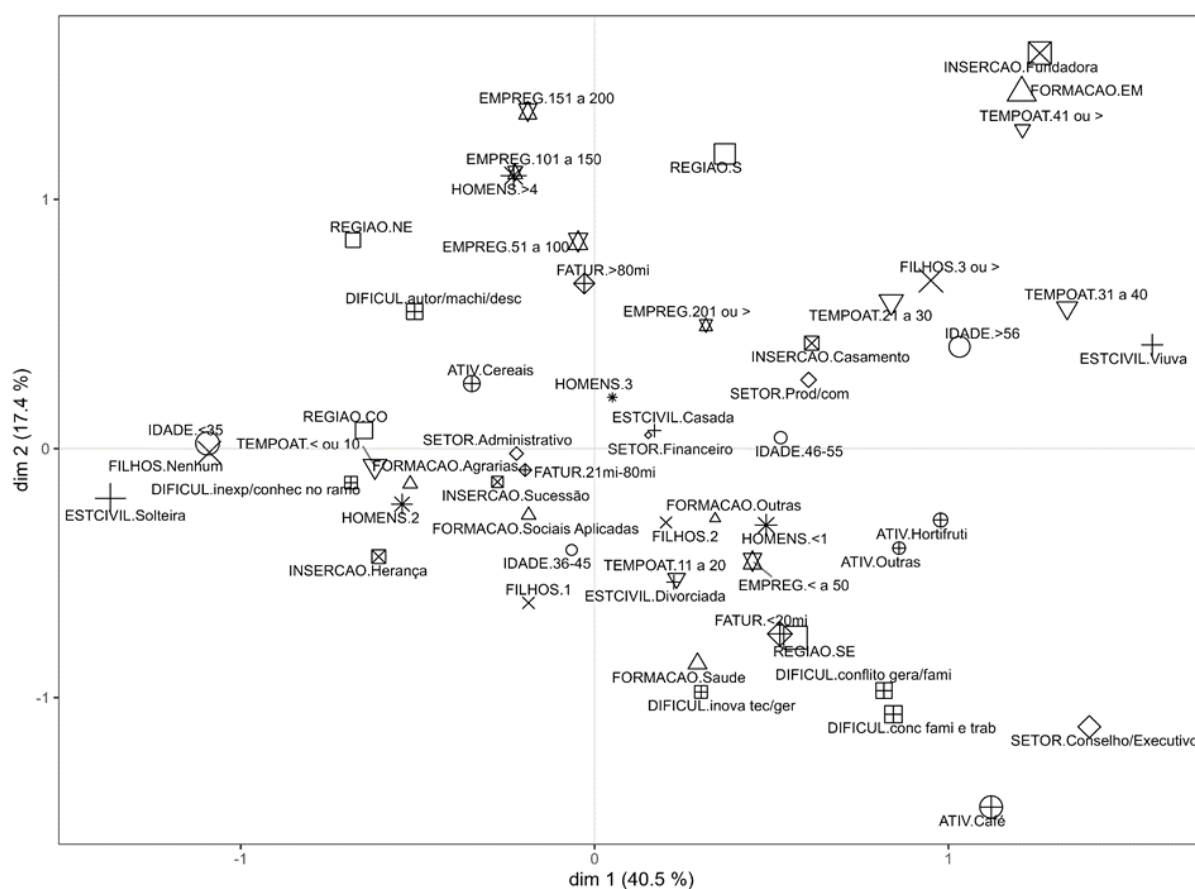
Variável	Modalidade	Freq	%	Eixo 1		Eixo 2		Legenda
				Coord	Contrib	Coord	Contrib	
Estado Civil	ESTCIVIL.casada	89	71,8	0,169	0,525	0,072	0,129	Casada
	ESTCIVIL.solteira	18	14,5	-1,369	6,95	-0,2	0,199	Solteira
	ESTCIVIL.viúva	5	4	1,576	2,561	0,417	0,241	Viúva
	ESTCIVIL.divorciada	11	8,9	0,224	0,114	-0,536	0,877	Divorciada
	sem informação	1	0,8	-	-	-	-	Sem informação
Filhos	FILHOS.sem filhos	34	27,4	-1,089	8,311	-0,015	0,002	Sem filhos
	FILHOS.1	15	12,1	-0,187	0,108	-0,619	1,594	Possui 1 filho
	FILHOS.2	42	33,9	0,202	0,352	-0,297	1,026	Possui 2 filhos
	FILHOS.3 ou >	33	27,4	0,95	6,143	0,675	4,165	Possui 3 filhos ou mais
	sem informação	3	2,4	-	-	-	-	Sem informação
Setor de Atuação	SETOR. administrativo	74	59,7	-0,221	0,745	-0,02	0,008	Administrativo
	SETOR.financeiro	30	24,2	0,152	0,142	0,054	0,024	Financeiro
	SETOR.prod/com	12	9,7	0,605	0,904	0,276	0,253	Produção e Comercial
	SETOR.cons/exe	5	4	1,398	2,015	-1,117	1,728	Conselho e Executivo
	sem informação	3	2,4	-	-	-	-	Sem informação
Tempo de Atuação	TEMPOAT.<10	52	41,9	-0,621	4,133	-0,071	0,072	10 anos ou menos
	TEMPOAT.11 a 20	27	21,8	0,232	0,298	-0,522	2,037	De 11 a 20 anos
	TEMPOAT.21 a 30	21	16,9	0,838	3,042	0,59	2,026	De 21 a 30 anos
	TEMPOAT.31 a 40	7	5,6	1,335	2,574	0,565	0,619	De 31 a 40 anos
	TEMPOAT.41 ou >	2	1,6	1,209	0,603	1,282	0,911	41 anos ou mais
	sem informação	15	12,1	-	-	-	-	Sem informação
Inserção	INSERCAO.casamento	21	16,9	0,614	1,631	0,423	1,042	Casamento
	INSERCAO.sucessão	66	53,2	-0,275	1,026	-0,134	0,327	Sucessão
	INSERCAO. herança	19	15,3	-0,61	1,459	-0,434	0,991	Herança
	INSERCAO.fundadora	10	8,1	1,258	3,264	1,587	6,986	Fundadora
	sem informação	8	6,5	-	-	-	-	Sem informação
Quantidade de Homens que Compartilham a Gestão	HOM.<1	45	36,3	0,485	2,179	-0,307	1,178	1 homem ou menos
	HOM.2	36	29	-0,544	2,199	-0,223	0,498	2 homens
	HOM.3	25	20,2	0,05	0,013	0,206	0,293	3 homens
	HOM.>4	17	13,7	-0,229	0,184	1,095	5,654	4 homens ou mais
	sem informação	1	0,8	-	-	-	-	Sem informação
Faturamento (R\$)	FATUR.<20mi	25	20,2	0,524	1,413	-0,744	3,835	Menos de R\$ 20 milhões
	FATUR.21mi-80mi	65	52,4	-0,196	0,517	-0,086	0,134	De R\$ 20 milhões a R\$ 80 milhões
	FATUR.>80	30	24,2	-0,029	0,005	0,663	3,653	Mais de R\$ 80 milhões
	sem informação	4	3,2	-	-	-	-	Sem informação
Atividade Predominante	ATIV.cereais	92	74,2	-0,347	3,106	0,261	1,738	Cereais (Trigo, Milho, Soja, Arroz e etc.)
	ATIV.café	12	9,7	1,121	3,106	-1,439	6,885	Café
	ATIV.hortifruti	11	8,9	0,978	2,168	-0,287	0,251	Hortifruti
	ATIV.outros	9	7,3	0,86	1,374	-0,399	0,398	Outras (Pecuária de corte e leite e cultivo de flores)
Número de Empregados	EMPREG.< a 50	25	20,2	0,446	1,026	-0,452	1,415	50 ou menos
	EMPREG.51 a 100	16	12,9	-0,047	0,007	0,831	3,067	De 51 a 100
	EMPREG.101 a 150	4	3,2	-0,225	0,042	1,108	1,361	De 101 a 150
	EMPREG.151 a 200	5	4	-0,189	0,037	1,353	2,538	De 151 a 200
	EMPREG.201 ou >	10	8,1	0,315	0,204	0,495	0,68	De 201 ou mais
	sem informação	64	51,6	-	-	-	-	Sem informação
Dificuldades Enfrentadas pela Gestoras	DIFICUL.inexp/co-nhec no ramo	16	12,9	-0,689	1,565	-0,137	0,083	Inexperiência/conhecimento no ramo
	DIFICUL.conflito gera/fami	10	8,1	0,818	1,378	-0,971	2,616	Conflito geracional/familiar
	DIFICUL.conc fami e trab	11	8,9	0,844	1,617	-1,067	3,469	Conciliar família e trabalho
	DIFICUL.autor/machi/desc	29	23,4	-0,509	1,548	0,55	2,43	Autoritarismo/machismo/descredito
	DIFICUL.inova tec/ger	8	6,5	0,301	0,149	-0,977	2,116	Inovação tecnológica/gerencial
	sem informação	50	40,3	-	-	-	-	Sem informação

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para determinar a estrutura do espaço social de mulheres gestoras brasileiras atuantes em empresas familiares do agronegócio, foram considerados os dois primeiros eixos fatoriais da ACM. O eixo 1 representa 40,5% da variância dos dados e o eixo 2 17,4% (taxa modificada). O Gráfico 1 apresenta as categorias ativas distribuídas no espaço, formado pelos eixos 1 e 2.

Gráfico 1 – Modalidades ativas distribuídas no espaço formado pelos eixos 1 e 2.



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Para a interpretação do gráfico gerado pela ACM, foram consideradas as categorias que mais contribuíram para a formação dos eixos (Tabelas 1 e 2), indicando se suas contribuições são positivas ou negativas, isto é, como estão posicionadas em cada eixo. Essa análise possibilitou compreender como as variáveis se distribuem no espaço analisado, bem como identificar proximidades, distâncias e oposições entre as modalidades que explicam as principais diferenciações observadas.

Tabela 1 – Categorias com maiores contribuições na formação do eixo 1

Contribuições negativas (%) – posicionadas à esquerda	Contribuições positivas (%) – posicionadas à direita
Idade.<35: -9,13	Filhos.3 ou mais: 6,14
Filhos.Nenhum: -8,31	Idade.>56: 5,92
Estado civil.Solteira: -6,95	Inserção.Fundadora: 3,26
Tempo de atuação.< ou 10: -4,13	Região.Sudeste: 3,25
Região.Centro Oeste: -3,77	Atividade.Café: 3,11
Atividade.Cereais: -2,29	Tempo de atuação.21-30 anos: 3,04
Homens na gestão.2: -2,20	Formação.Ensino Médio: 3,00

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O primeiro eixo da ACM (eixo horizontal) parece ser estruturado principalmente pela *variável idade*. As modalidades relacionadas às diferentes faixas etárias apresentam forte contribuição para a formação dos dois polos do eixo, indicando a existência de uma oposição entre posições distintas no espaço analisado. Essa oposição sugere a presença de diferentes perfis de gestoras, associados às variações geracionais observadas na amostra.

Do lado positivo do eixo (direito), observaram-se contribuições relevantes de sete modalidades que caracterizam gestoras com mais idade. Destacam-se as modalidades idade acima de 56 anos, inserção como fundadora, três filhos ou mais e tempo de atuação entre 21 e 30 anos, além de características contextuais associadas, como formação em nível médio, atuação na produção de café e localização na região Sudeste. Em conjunto, essas modalidades configuram um perfil de gestoras em faixas etárias mais avançadas, mães, da primeira geração (fundadora) e, por isso, com maior tempo de atuação nas empresas rurais familiares. Esse lado do eixo reúne, portanto, um grupo que possui maior experiência profissional, medida pelo tempo de atuação, e por trajetórias vinculadas à fundação das empresas.

No extremo oposto, do lado negativo (esquerdo), cinco modalidades apresentaram contribuições relevantes, identificando gestoras com menos idade. Destacam-se as modalidades idade abaixo de 35 anos, solteiras, sem filhos e com tempo de atuação inferior a 10 anos, além de características contextuais associadas, como localização na região Centro-Oeste, atuação na produção de cereais e a divisão da gestão com dois homens. Em conjunto, essas modalidades configuram um perfil de gestoras mais jovens, solteiras, sem filhos e com menor tempo de atuação nas empresas rurais familiares. Esse lado do eixo reúne, portanto, um grupo representado por inserção mais recente na gestão, de gerações mais recentes e por trajetórias profissionais ainda em consolidação.

A oposição observada no primeiro eixo da ACM também pode ser interpretada à luz da formação histórica e regional do agronegócio brasileiro. O polo positivo, associado às mulheres de mais idade e vinculadas à região Sudeste, aproxima-se de trajetórias ligadas a espaços agrícolas historicamente estabelecidos, nos quais a constituição das empresas familiares ocorreu em contextos tradicionais, estruturados por processos mais longos de acumulação patrimonial (Heredia *et al.*, 2010; Meneses, 2021).

Já o polo negativo, associado às mulheres mais jovens e vinculadas à região Centro-Oeste, parece expressar transformações mais recentes vinculadas à expansão das chamadas fronteiras agrícolas e à ocupação empresarial dos cerrados, configurando um espaço social relativamente recente (He-

redia *et al.*, 2010). Essa diferenciação regional parece refletir também as distintas temporalidades dos processos de formação e de reprodução das famílias proprietárias. Enquanto as mulheres associadas à região Sudeste tendem a estar vinculadas a empresas familiares mais antigas e têm como forma de inserção a condição de fundadoras, aquelas localizadas no Centro-Oeste encontram-se inseridas em grupos familiares atuantes em regiões de consolidação mais recente, o que pode estar relacionado a perfis mais jovens, com menor tempo de atuação na gestão e em etapas iniciais dos processos de sucessão e inserção nos negócios familiares.

Tabela 2 – Categorias com maiores contribuições na formação do eixo 2

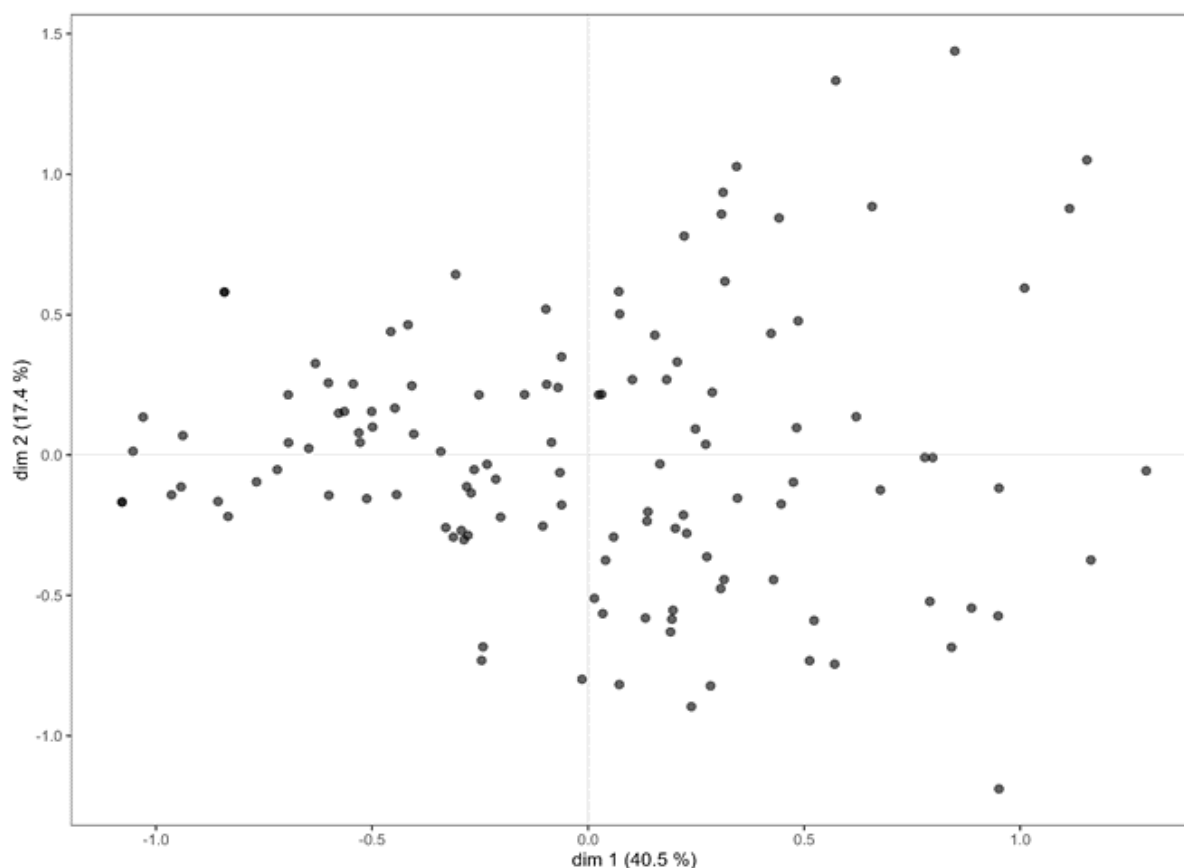
Contribuições positivas (%) – posicionadas acima:	Contribuições negativas (%) – posicionadas abaixo:
Região.Sul: 8,15	Região.Sudeste: -7,82
Inserção.fundadora: 6,99	Atividade.café: -6,89
Formação.ensino médio: 5,66	Faturamento.< 20 milhões: -3,83
Homens na gestão.> 4: 5,65	Dificuldade.conciliar família e trabalho: -3,47
Filhos.3 ou >: 4,17	Formação.Saúde: -2,68
Faturamento.> 80 milhões: 3,65	Dificuldade.conflicto geracional/familiar: -2,62
Empregados.51 a 100: 3,07	Dificuldade.inovação tecnológica/gerencial: -2,12
Dificuldade.autoritarismo/machismo/des crédito: 2,43	

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O segundo eixo da ACM (eixo vertical) parece destacar as características das propriedades rurais como principal fator estruturante. Comparado ao primeiro eixo, sua interpretação é menos evidente, mas pode ser definida a partir da combinação das modalidades que expressam as características dos negócios familiares e aquelas relacionadas às trajetórias profissionais das gestoras. De modo geral, as variáveis individuais das gestoras tiveram menor peso na formação deste eixo.

No lado positivo do eixo (parte superior do gráfico), destacam-se oito modalidades com maior relevância para a formação do eixo: região Sul, inserção como fundadora, formação em ensino médio, gestoras com três ou mais filhos, gestão compartilhada com mais de quatro homens, propriedades com 51 a 100 empregados e faturamento anual acima de 80 milhões de reais. Em conjunto, essas modalidades representam empresas maiores, mais antigas, estruturadas e tradicionais, localizadas principalmente no Sul, lideradas por fundadoras e com faturamento elevado.

Gráfico 2 – Nuvem de pontos dos indivíduos no plano dos eixos 1 e 2



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

No lado negativo do eixo, destacaram-se sete modalidades que contribuíram mais significativamente para sua formação: localização na região Sudeste, atuação na produção de café, faturamento anual abaixo de 20 milhões de reais, dificuldade em conciliar família e trabalho, formação na área da saúde, dificuldades relacionadas a conflitos geracionais/familiares e dificuldades associadas à inovação tecnológica/gerencial. Em conjunto, essas modalidades reúnem características de empresas com menor faturamento, em comparação com o lado oposto, localizadas principalmente no Sudeste, com produção de café e de gestoras que relatam desafios relacionados à gestão, à conciliação entre trabalho e família e a conflitos geracionais e familiares.

A oposição observada no segundo eixo parece refletir diferentes momentos dos negócios familiares. O polo positivo reúne características associadas a empresas de maior porte, maior faturamento e à presença de mulheres fundadoras, sugerindo trajetórias vinculadas à constituição e consolidação dos empreendimentos familiares. Já o polo negativo associa-se a empresas de menor faturamento e a gestoras que relatam maiores dificuldades de conciliação entre família e trabalho, conflitos geracionais e processos de inovação. O eixo parece evidenciar diferentes condições de atuação das mulheres na gestão das empresas familiares, associadas às características dos empreendimentos e aos desafios enfrentados pelas gestoras em seu cotidiano.

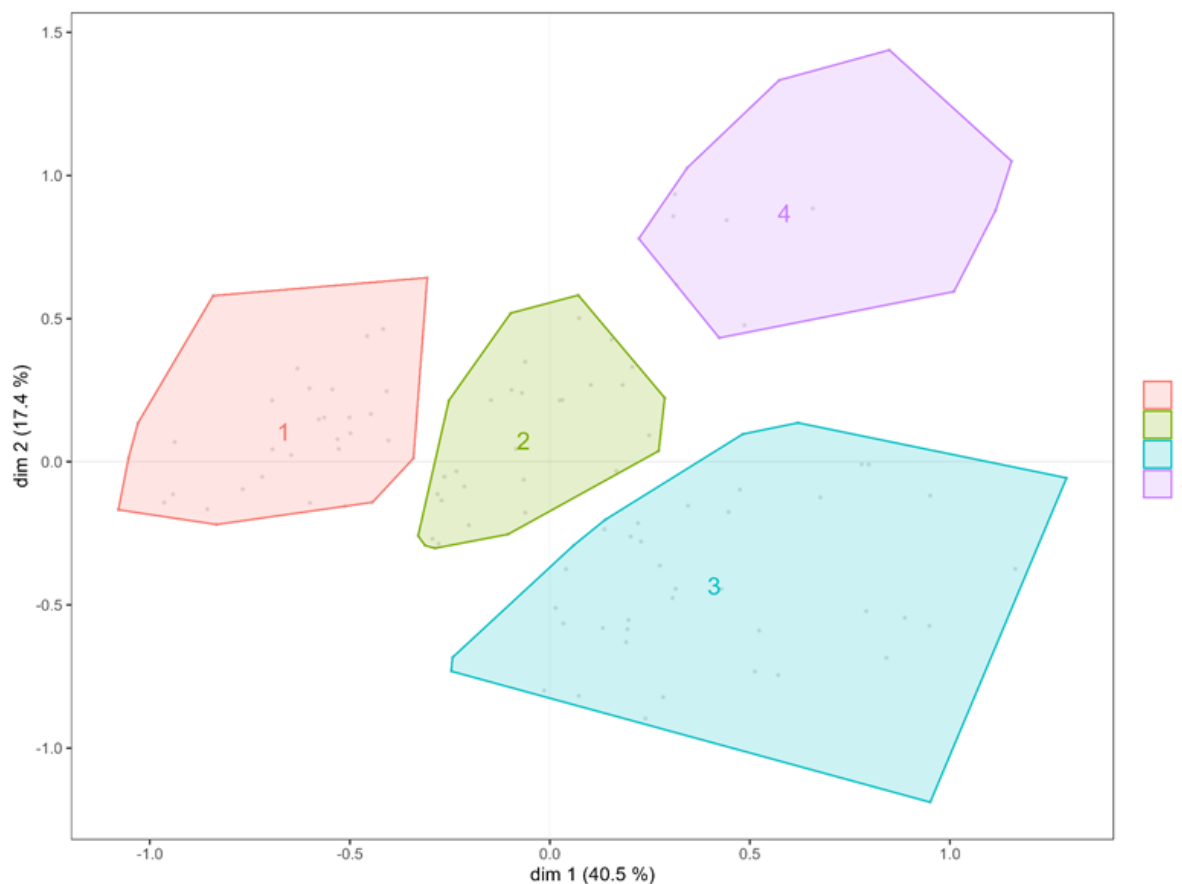
Cabe agora realizar alguns comentários sobre uma “variável experiencial” do conjunto de dados: as dificuldades encontradas pelas gestoras em suas carreiras profissionais. Considerando a distribuição das categorias dessa variável no Gráfico 1, é possível afirmar que diferentes posições nesse espaço social estão relacionadas às variadas experiências diante dos desafios do cargo e à própria definição do que é ser uma mulher gestora que atua no agro. No polo do gráfico à esquerda, onde se localizam as gestoras mais jovens, aparecem as dificuldades “Inexperiência/conhecimento no ramo” e “Autoritarismo/machismo/descrédito”. Para além de uma esperada dificuldade envolvendo os custos de entrada nesse espaço (a experiência de falta de conhecimento no ramo), é interessante notar que a geração mais jovem é a que menos toma como naturais as relações de gênero assimétricas no negócio e manifesta que o autoritarismo patriarcal é um dos obstáculos centrais à sua atuação.

No lado direito do gráfico, localizam-se as categorias “Inovação tecnológica/gerencial”, “Conflito geracional/familiar” e “Conciliar família e trabalho”. O descompasso entre as disposições profissionais e as inovações do meio aparece como uma igualmente esperada característica desses grupos, como a antítese da inexperiência enquanto dificuldade na geração mais jovem. Embora não inteiramente inesperada, a relação entre gerações de mais idade e dificuldades referentes aos laços entre família e negócio é um aspecto relevante da configuração desse espaço social.

Em relação às mais jovens, para quem o peso da dominação patriarcal aparece como mais saliente, as gestoras mais experientes se deparam com as vicissitudes de seu duplo papel de profissionais no negócio e de mães e esposas no contexto familiar. Em um papel feminino hegemônico que, em grande parte, é endossado por essas mulheres, recaem sobre elas as funções de cuidadoras não apenas das pessoas individuais da família (vide a categoria “Conciliar família e trabalho”), como também dos elos que a unem (“Conflito geracional/familiar”).

Desse quadro de diferentes percepções sobre as dificuldades, pode-se concluir a importância de investigar a diferenciação das mulheres em camadas superiores do mundo rural. Esses resultados sugerem que há uma diversidade relevante nesse grupo, que deve ser levada em consideração para a própria formação subjetiva dessas mulheres em relação ao que significa ser uma profissional em negócios do agronegócio, especificamente, que tipo de desafios de gênero ocupam em suas atuações.

A fim de aprofundar o exame dessa diversidade, foi realizada uma ACH com base nas coordenadas dos indivíduos, geradas pela ACM. Estabeleceu-se como corte a delimitação de quatro grupos, em função da distribuição dos indivíduos no plano dos eixos 1 e 2 (Gráfico 2). Em um exame informal dessa distribuição, é possível identificar quatro grupos: um em cada ponta da forma triangular da nuvem de pontos dos indivíduos e um no centro. O Gráfico 3 mostra o resultado da ACH, com os polígonos convexos que delimitam a área contendo os indivíduos que pertencem a cada um dos quatro grupos encontrados. Esse resultado corresponde ao esperado pelo exame informal, o que sugere a robustez desse modo de agrupamento. Abaixo, discutimos resumidamente as características de cada um dos clusters:

Gráfico 3 - Polígonos convexos delimitando os quatro grupos da Análise de Cluster Hierárquica

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

- *Perfil 1 – Gestoras mais jovens, em início de carreira e em processo de construção profissional:* mulheres com até 35 anos, solteiras e sem filhos. Atuam, em geral, nos setores administrativos e financeiros, em propriedades localizadas no Centro-Oeste, voltadas à produção de cereais e com gestão compartilhada com pelo menos dois homens. Inserem-se no negócio familiar por meio de herança. Enfrentam, sobretudo, desafios relacionados à menor experiência e à falta de autonomia, ao machismo e ao descrédito. Esse grupo representa uma geração mais recente de gestoras, cuja inserção no espaço das empresas rurais familiares ocorre em um contexto de maior profissionalização da gestão e de transição geracional, ainda em processo de consolidação de sua posição no negócio.
- *Perfil 2 – Gestoras de meia-idade, sucessoras e em processo de construção de legitimidade:* mulheres entre 36 e 45 anos, em geral casadas e com pelo menos um filho. Possuem formação em áreas das ciências sociais aplicadas ou agrárias e atuam predominantemente nos setores administrativo e financeiro. Estão inseridas em empresas familiares voltadas à produção de cereais, com faturamento entre 21 e 80 milhões de reais, e compartilham a gestão com três ou mais homens. Sua inserção no negócio ocorre por meio de processos estruturados de sucessão familiar, indicando transformações nas formas de organização do negócio rural, em contextos de gestão compartilhada entre diferentes gerações. Trata-se de gestoras com experiência acumulada e atuação estabelecida, ainda que enfrentem desafios relacionados à construção de legitimidade profissional. Estão inseridas em organizações de maior porte e complexidade

dentro da amostra. Esse grupo ocupa uma posição intermediária no espaço social, combinando inserção estruturada, qualificação profissional e educacional e desafios associados à dinâmica relacional da gestão familiar.

- *Perfil 3 – Gestoras com experiência moderada, atuação consolidada e em posição intermediária:* mulheres entre 46 e 55 anos, em geral divorciadas e mães de até dois filhos. Possuem entre 11 e 20 anos de experiência no negócio, formação em áreas das ciências sociais aplicadas ou da saúde, e atuam em empresas familiares de médio porte, localizadas principalmente no Sudeste e voltadas à produção de café. Tendem a enfrentar dificuldades na conciliação entre trabalho e família, além de conflitos geracionais e desafios relacionados à inovação tecnológica e gerencial. Esse grupo ocupa cargos no conselho e no executivo e uma posição intermediária nos processos de sucessão familiar, atuando na mediação entre gerações e na modernização organizacional das empresas rurais. Suas trajetórias revelam uma combinação entre experiência moderada, demandas atuais de modernização da gestão e do mercado e conflitos familiares.
- *Perfil 4 – Gestoras experientes, com trajetórias consolidadas e reconhecimento recente:* mulheres com mais de 56 anos, com longo tempo de atuação (mais de 40 anos), formação no ensino médio, em geral casadas e mães de três filhos, frequentemente são fundadoras ou têm forte ligação à origem da empresa familiar. Em geral, atuam em propriedades localizadas no Sul. Esse grupo representa gestoras com longa trajetória no negócio, que acompanharam o crescimento e a consolidação das empresas, participando das decisões e da gestão cotidiana. Apesar da experiência, nem sempre ocuparam cargos formais ou tiveram seu trabalho plenamente reconhecido na estrutura empresarial.

Os estudos sobre gênero têm demonstrado que as gerações mais jovens passaram a construir seus projetos de vida em um contexto influenciado pelas conquistas dos movimentos feministas, que ampliaram os questionamentos sobre o patriarcado, a centralidade do casamento e as possibilidades de construção de carreiras profissionais (Bruschini, 2007; Federici, 2019; Jardim e Souza, 2024). Embora os dados desta pesquisa não permitam estabelecer relações diretas entre essas transformações e os perfis identificados, os resultados demonstram a existência de posições e trajetórias diversificadas no espaço social das mulheres gestoras do agronegócio.

A participação feminina nesse universo não aponta para um perfil homogêneo, abrangendo o perfil de gestoras jovens, solteiras e sem filhos, e de gestoras de mais idade, casadas ou divorciadas, com diferentes configurações familiares, níveis de escolarização e formas de inserção nas empresas. Ao mesmo tempo, trajetórias femininas orientadas para a formação profissional e para a construção de carreiras não estão isentas de tensões e sacrifícios, frequentemente acompanhadas de conflitos emocionais decorrentes das expectativas sociais relacionadas ao casamento, à maternidade e à constituição da família (Jardim e Souza, 2024). Nesse sentido, os resultados encontrados sugerem que a inserção das novas gerações de mulheres na gestão das empresas rurais familiares ocorre em um contexto de reconfiguração das relações de gênero, no qual diferentes projetos de vida e formas de participação feminina passam a coexistir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objeto de pesquisa as mulheres nas camadas superiores do mundo rural brasileiro. Os resultados de pesquisa aqui apresentados enfocaram a diversidade de perfis dessas mulheres, considerando alguns aspectos da desigualdade de gênero e da interseção entre família

e negócio, presentes em suas experiências. Buscou-se superar a falta de dados disponíveis, assim como o acesso limitado a esses meios, com um questionário preenchido por intermédio de uma empresa de consultoria. Com esse artifício, foi possível coletar informações de um grupo relativamente grande e variado de mulheres, possibilitando uma análise quantitativa e exploratória desse espaço social.

Os dados foram examinados com a ACM, que revelou duas dimensões de diferenciação nesse espaço social. No primeiro eixo, há uma diferenciação geracional, em que as mulheres mais jovens se opõem a mulheres de mais idade com filhos. A essa oposição correspondem também diferentes experiências da mulher gestora, sendo as mais jovens mais sensíveis às desigualdades de gênero e as de mais idade às questões familiares. No segundo eixo, opõe-se às empresas maiores às menores, em termos de faturamento e de número de funcionários (e, secundariamente, por região).

A ACH, realizada a partir das coordenadas dos indivíduos na ACM, permitiu identificar quatro grupos distintos, de acordo com a distribuição das características das agentes. Esses agrupamentos reforçam a existência de perfis diferenciados de gestoras, indicando que suas trajetórias, posições e desafios não são homogêneos, mas se organizam em padrões relativamente estruturados no espaço social analisado.

Os resultados também dialogam com uma tradição consolidada dos estudos de gênero que tem evidenciado como as experiências das mulheres são atravessadas por diferentes formas de desigualdade e por posições sociais heterogêneas. A análise sugere que a atuação feminina em posições de gestão no agronegócio permanece permeada por tensões associadas às relações de gênero, embora essas tensões assumam configurações diferentes de acordo com fatores como geração, maternidade, trajetória profissional e características das empresas familiares em que as gestoras atuam.

Os achados ainda apontam para transformações em um espaço social tradicionalmente associado à predominância masculina. Ainda que persistam barreiras relacionadas às dinâmicas familiares, aos processos sucessórios e à divisão sexual do trabalho, a crescente presença de mulheres em cargos de liderança sugere mudanças nas formas de participação feminina nas empresas familiares do agronegócio. Considera-se, assim, que o artigo contribui para uma aproximação empírica à estrutura de diferenciação desse grupo social, ainda pouco estudado pela academia. Desse modo, espera-se contribuir para os estudos sobre elites econômicas do agronegócio e para os estudos de gênero, estimulando novas pesquisas capazes de aprofundar a compreensão das transformações recentes nas relações de gênero em segmentos empresariais do mundo rural, bem como das estruturas de diferenciação que organizam esse espaço social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Amanda; CANTU, Rodrigo. Insular ou influente? A estrutura social do campo psicanalítico brasileiro entre academia, mídia e a clínica. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, Paraná, v. 31, p. e52113, 2026. DOI: 10.1590/2176-6665.2026v31e52113. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/52113>. Acesso em: 31 jul. 2026.

BERTONCELO, Edison. The space of social classes in Brazil. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 73-104, 2016. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2016.110534. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/110534>. Acesso em: 31 jul. 2026.

BERTONCELO, Edison. **Construindo espaços relacionais com a análise de correspondências múltiplas: aplicações nas ciências sociais**. Brasília: ENAP, 2022. 143 p. ISBN: 978-65-87791-12-8. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/7253/1/Bertoncelo_completo_20220822.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026.

- BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 109-122.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/340>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- BOURDIEU, Pierre. The social space and the genesis of groups. **Theory and Society**, v. 14, n. 6, p. 723-744, 1985. DOI: 10.1007/bf00174048. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00174048>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996. 224 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 549 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. 208 p.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. 2004. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004. DOI: 10.1590/S0104-026X2004000100011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100011/8695>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 288 p.
- CANTU, Rodrigo. Clivagens emergentes no mundo empresarial brasileiro: Apoiadores e críticos da extrema direita. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 36, n. 3, p. 47-75, 2024. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2024.226295. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/226295>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA. **PIB – Agro/CEPEA: Comentários de janeiro a dezembro de 2021**. 2022. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>. Acesso: 01 jun. 2025.
- DEERE, Carmen Diana. Os direitos da mulher à terra e os movimentos sociais rurais na reforma agrária brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 175-204, 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v12n01/v12n01a10.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- DEERE, Carmen Diana; LEÓN, Magdalena. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 507 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/292904>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- FEDERICI, Silvia. Reprodução e luta feminista na nova divisão internacional do trabalho (1999). In: FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas**. São Paulo: Elefante, 2019. p. 136-161.
- FONT, Maurício. BARZELATTO, Elba. **Café e política: ação da elite cafeeira na política paulista, 1920-1930**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988. 240 p.
- HARDY, Cheryl. Social space. In: GRENFELL, Michael (Ed.); BOURDIEU, Pierre. **Key Concepts**. 2ª ed. Routledge, 2014. p. 229-249.
- HEY, Ana Paula. Bourdieu epistêmico-prático: o espaço de produção acadêmica em Educação Superior no Brasil. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, São Paulo, v. 10, n. 16, p. 86-105, 2007. DOI: 10.15603/2176-1043/el.v10n16p86-105. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273276870_Bourdieu_Epistemico-Pratico_O_Espaco_de_Producao_Academica_em_Educacao_Superior_no_Brasil. Acesso em: 31 jul. 2026.
- HEY, Ana Paula. Elites, no plural. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, dez. 2017. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2017.126527. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/126527>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- HEY, Ana Paula; RODRIGUES, Lidiane Soares. Elites acadêmicas: as ciências sociais na Academia Brasileira de Ciências. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, p. 9-33, 2017. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2017.125964. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/125964>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- HEINZ, Flavio M. Elites rurais: representação profissional e política no Brasil, 1930-1960. **Anuario IEHS**, Tandil, Buenos Aires, Argentina, v. 16, p. 91-107, 2001. Disponível em: <https://ojs2.fch.unicen.edu.ar/ojs-3.1.0/index.php/anuario-ies/article/view/2352/2216>. Acesso em: 31 jul. 2026.
- HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio Pereira. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 159-176, 2010. Disponível em: <https://memov.org/site/wp-content/uploads/tainacan-items/53564/53627/Sociedade-e-Economia-do-Agronegocio-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2026.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344>. Acesso em: 31 jul. 2026.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. **SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2026.

HJELLBREKKE, Johs. **Multiple correspondence analysis for the social sciences**. London: Routledge, 2018. 136 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo agropecuário 2017**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-es-tabelecimentos-agropecuários-cai-8-8.html>. Acesso em: 30 jan. 2025.

JARDIM, Maria Chaves; SOUZA, Thaís Caetano de. A inércia afetiva de mulheres com diploma de ensino superior: excesso de trabalho, trajetórias afetivas não realizadas e prejuízos emocionais. **Caderno CRH**, Salvador, v. 37, e024038, 2024. DOI: 10.9771/ccrh.v37i0.61542. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/TBGMzVNjMNxWzT3CmY9kSgw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2026.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Santa Catarina, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/TtGn767X6Cky3NjQBgxThb-T/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 jul. 2026.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], São Paulo, n. 86, p. 68-97, 2018. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/452>. Acesso em: 31 jul. 2026.

LOPES, Janete Leige; PONTILI, Rosângela Maria. **Contribuição dos rendimentos da mulher, alocada no mercado de trabalho agrícola, para a renda familiar**: um comparativo das PNAD's de 1997 e 2004. Londrina, 2004. XLV CONGRESSO DA SOBER. Londrina/PR.

MACIAZEKI-GOMES, Rita de Cássia; FILGUEIRAS TONELI, Maria Juracy; NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto. Modos de trabalhar e modos de subjetivar na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n165762. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65762>. Acesso em: 31 jul. 2026.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **O patronato rural no Brasil recente (1964-1993)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 300 p.

MENESES, Valdênio Freitas; PICCIN, Marcos Botton. Poder e dominação no “andar de cima” do mundo rural brasileiro. **Século XXI – Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 1-8, 2024. DOI: 10.5902/2236672590497. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/90497>. Acesso em: 31 jul. 2026.

MENESES, Valdênio Freitas. Olhai para “os ricos do campo”: o lugar das elites e classes dominantes nos Estudos Rurais do Brasil. **Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia**, Niterói, Rio de Janeiro, n. 53, p. 140-166, 2021. DOI: 10.22409/antropolitica2021.i53.a50104. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/download/50104/30513/181656>. Acesso em: jan. 2026.

NETO, Antonio José Pedroso. O espaço dos jornalistas da economia brasileiros: gerações, origem social e dinâmica profissional. **Revista Pós Ciências Sociais (Repocs)**, v. 12, n. 23, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio-Pedroso-3/publication/306269946_O_espaco_dos_jornalistas_da_economia_brasileiros_geracoes_origem_social_e_dinamica_profissional/links/589064f392851c9794c67502/O-espaco-dos-jornalistas-da-economia-brasileiros-geracoes-origem-social-e-dinamica-profissional.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026.

OLIVEIRA, Vera; ARZABE, Cristina; OLIVEIRA, Marcelo. **Mulheres rurais**: Censo Agro 2017. Brasília, DF: Embrapa, 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/documents/10180/1645386/Mulheres+Rurais+-+Censo+Agro+2017/fc59f-4c6-c94d-6b78-887d-5a64b1a70a7d>. Acesso em: jun. 2026.

POMPEIA, Caio. **Formação política do agronegócio**. Editora Elefante, 2021. 15 p.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015. 159 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 31 jul. 2026.

VIEIRA, Allana Meirelles; CHIARAMONTE, Aline Rodrigues. O Instituto Millenium na busca por poder. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, Brasil, v. 33, n. 01, p. 169-202, 2021. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2021.165937. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/165937>. Acesso em: 31 jul. 2026.

WACQUANT, Loïc. 'Bourdieu's Dyad: On the Primacy of Social Space and Symbolic Power', *In*: BLASIUS, Jörg; LEBARON, Frédéric; LE ROUX, Brigitte; SCHMITZ, Andreas. (Eds.). **Empirical Investigations of Social Space**. [Online]. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 15-22.

Abstract

Key-Words

The social space of women managers in the rural world

Abstract

This article investigates women managers in family-owned agribusiness companies in Brazil. The research analyzed the social properties of 124 women in management positions based on data provided by a specialized consulting company. Methodologically, Multiple Correspondence Analysis (MCA) was used to construct the social space, while Hierarchical Cluster Analysis (HCA) was employed to identify grouping patterns. The results indicate that the main differentiation occurs through generational factors and company characteristics, in addition to revealing different perceptions regarding challenges such as gender inequalities, work-family balance, and generational and family conflicts. Furthermore, the HCA identified four distinct profiles of women managers, indicating that their trajectories, positions, and difficulties are organized heterogeneously within the analyzed social space.

Keywords: social space; elites; agribusiness; women managers; multiple correspondence analysis.

Resumen

Palavras Chave

El espacio social de las mujeres gestoras en el mundo rural

Resumen

El artículo investiga a las mujeres gestoras en empresas familiares del agronegocio brasileño. La investigación analizó las propiedades sociales de 124 mujeres en cargos de gestión, con base en datos proporcionados por una empresa de consultoría especializada. Metodológicamente, se utilizó el Análisis de Correspondencias Múltiples (ACM) para construir el espacio social y el Análisis de Clúster Jerárquico (ACJ) para identificar patrones de agrupamiento. Los resultados indican que la principal diferenciación ocurre por factores generacionales y por las características de las empresas, además de evidenciar diferentes percepciones sobre desafíos como las desigualdades de género, la conciliación entre familia y trabajo, y los conflictos generacionales y familiares. Asimismo, el ACJ permitió identificar cuatro perfiles distintos de gestoras, indicando que sus trayectorias, posiciones y dificultades se organizan de manera heterogénea en el espacio social analizado.

Palabras clave: espacio social; élites; agronegocio; gestoras; análisis de correspondencias múltiples.

Histórico

Recebido: Abril/26

Primeiro Parecer: Abril/26

Segundo Parecer: Maio/26

Aceito: Junho/26

Revisão Gramatical/Ortográfica e ABNT: Junho/26

Revisado Autor: Julho/26

Publicado: Agosto/26

Equipe Editorial Revista TOMO envolvida no processo editorial deste artigo

Marina de Souza Sartore (Editora-chefe)

Contato: revistatomo@gmail.com